



Vizela
Alimentos
para mais
de 600 pessoas

Em Ação → Pág. 9

Vila do Conde
Integrar
a comunidade
na ação

Opinião → Pág. 22



Banco do
medicamento
Um milhão de
euros poupados

Panorama → Pág. 2

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

diretor: Paulo Moreira | ano: XXX | janeiro 2014 | publicação mensal



UNIÃO DAS MISERICÓRDIAS PORTUGUESAS

É necessário compatibilizar história com inovação social

Para o presidente da União das Misericórdias Portuguesas, os líderes europeus embarcaram num desenvolvimento que não aconteceu. Por isso é necessário compatibilizar inovação com história e olhar para uma Europa que se constrói nas comunidades.

Impulsionar a economia social só é possível se as Misericórdias trabalharem em rede

Na entrevista anual ao VM, Manuel de Lemos faz o balanço de alguns projetos em áreas tão diversas como a saúde e o património, sem deixar de olhar para os desafios do futuro. Para o responsável, “os provedores têm sido autênticos heróis” e gos-

taria de ver a funcionar um centro de recursos na União. O objetivo, destacou o presidente da UMP, seria “libertar os provedores das questões diárias da gestão, deixando-os mais livres para o lado mais nobre da sua missão”. **Destaque, 4 a 7**

Demências

Terapia pela arte em Aveiro

De uma parceria entre o departamento de psicologia e o núcleo museológico da Misericórdia de Aveiro nasceu o projeto Sou Arte que aliou a arte à terapia para estimulação cognitiva no âmbito da sua intervenção com pessoas com demência. O primeiro ciclo da iniciativa terminou em Novembro de 2013 e o VM foi conhecer os resultados. **Saúde, 19**

Bragança

Alfabetizar através de cores e bits

Destinado aos utentes dos lares, centro de dia e apoio domiciliário da Santa Casa de Bragança, o programa “Envelhecer com qualidade” foi implementado com o intuito de “criar bem-estar e gosto pela vida”. “Estamos no 4º ano e o balanço é positivo”, conta o provedor Eleutério Alves. Por lá já passaram mais de 600 pessoas. **Em Ação, 10**

Venda do Pinheiro

Mais afeto no apoio domiciliário

São três equipas e cada uma delas conta com duas pessoas. Todas as semanas, visitam alguns utentes do serviço de apoio domiciliário que, na maior parte dos casos, estão completamente isolados. Os voluntários são da Santa Casa da Misericórdia de Venda do Pinheiro e alguns já estão na instituição desde a sua fundação, há cerca de dez anos. **Em Ação, 8**

Vila Nova de Cerveira Vidas com histórias



→ A Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira tem em marcha, desde 2010, um projeto que visa angariar fundos e aproximar utentes e comunidade. Para contar as histórias relacionadas com a nova

dinâmica, foi organizada uma conferência e uma exposição com fotografias de 20 dos 80 idosos que vivem no Lar Maria Luísa. A iniciativa teve lugar a 24 de janeiro. **Terceira idade, 16**

PANORAMA

OPINIÃO

O SETE EM FOCO

Segundo as interpretações mais clássicas, o número sete simboliza a totalidade do espaço e a totalidade do tempo, bem como ainda a totalidade do universo em movimento, sintetizando-se no septenário a totalidade da vida moral

Equacionadas as obras de misericórdia como programa-base de ação e de intervenção, bem como procedimento institucional das Santas Casas, a pontos de constituírem o corpo e a alma de inspiração do Compromisso comportamental das Misericórdias, em duas vezes sete, equivale a um programa de totalidade:

Sete pétalas de rosa. Sete estrelas. Sete graus de perfeição. Sete esferas de intervenção.

Como as sete cores do arco-íris, significando sempre a aliança entre o céu e a terra, e como coroa envolvente de toda uma paisagem nas perspectivas da vida, do tempo e do espaço, que é, afinal, toda a História.

Sete será a totalidade das ordens planetárias, como sete é o símbolo de duas totalidades: a do espaço e a do tempo, representando, assim, a totalidade do universo em movimento; e significando, ainda e também, a perfeição e a unidade, onde o ser humano converge na sua plenitude de realização. É dita, por isso, a palavra perfeita.

Segundo as interpretações mais clássicas, o número sete simboliza a totalidade do espaço e a totalidade do tempo, bem como ainda a totalidade do universo em movimento, sintetizando-se no septenário a totalidade da vida moral, equacionada em sete tipos de virtudes: as três ditas teológicas: fé, esperança e caridade; e as quatro ditas cardeais: prudência, justiça, fortaleza e temperança.

Tradicionalmente é o símbolo da universalidade; tal como universalmente é o símbolo da totalidade.

Frequentemente lembrado na Bíblia, ficaria representado simbolicamente no candelabro das sete luzes, que sugere também a totalidade dos dias da semana; ou seja: na plenitude da vida, como símbolo de um permanente apelo à perfeição a atingir.

Daí, ser o símbolo do homem perfeito; e que faz da perfeição a idealizar e a atingir um projeto de vida simbolizado na convergência do triângulo, o sonho/proposta/programa do verdadeiro crescimento assim equacionado: tudo o que sobe converge, tal como o subscreveu o sábio e místico Theilhard Chardin.

Manuel Ferreira da Silva
jornal@ump.pt



A SUBIR ENERGIAS RENOVÁVEIS

Em 2013, a produção de eletricidade a partir de fontes renováveis em Portugal foi responsável por 58,3% do total de energia elétrica consumida, um aumento de 20% em relação a 2012.



A DESCER MORTE POR PNEUMONIA

Em Portugal, segundo relatório anual do Observatório Nacional das Doenças Respiratórias, as mortes por pneumonia aumentaram 25% em 2012, ano em que foram registadas 6795 mortes.

A FRASE



CHRISTINE LAGARDE
DIRETORA-GERAL
DO FMI

“Estou ainda preocupada com o elevado número de jovens sem emprego: quase um quarto dos europeus com menos de 25 anos não consegue encontrar trabalho.”

→ A FOTOGRAFIA



ESPOSENDE MÚSICA REÚNE COMUNIDADE

A igreja da Misericórdia de Esposende foi pequena para as muitas pessoas que aderiram ao evento MusiCórdia. O concerto de lançamento da 2ª edição da temporada ficou a cargo do agrupamento residente MusiCórdia Ensemble, que fez jus ao nível musical e artístico que os professores da Escola de Música de Esposende têm. Para a organização, o evento que teve lugar a 26 de janeiro, foi um sucesso. No mesmo dia, foi inaugurada a exposição “MusiCórdia em Imagens”, na Capela dos Mareantes, com trabalhos dos jovens do Núcleo de Intervenção Cultural de Esposende (NICE).

→ O NÚMERO

5218

MENOS POSTOS DE TRABALHO

Grande distribuição perdeu mais de seis mil postos de trabalho em dois anos. A maior queda deu-se entre 2010 e 2011 quando o sector empregou menos 5218 pessoas, passando de mais de 93 mil trabalhadores para 87.850.

→ O CASO

SAÚDE
18 MIL
CAIXAS DE
MEDICAMENTOS

Com cerca de um ano de funcionamento, o banco do medicamento a iniciativa já permitiu a oferta de quase 18 mil caixas de medicamentos que representam mais de um milhão de euros de poupança para as Misericórdias e demais IPSS que integram a iniciativa.

O banco do medicamento surgiu no âmbito do Programa de Emergência Social e foi apresentado pelo ministro da Solidariedade, Emprego e Segurança Social em Dezembro de 2013. Para o presidente da União das Misericórdias Portuguesas, Manuel de Lemos, trata-se de uma iniciativa de sucesso “É uma experiência muitíssimo positiva de cooperação entre o setor público, representado pelo Infarmed, pelo setor privado,

através dos laboratórios, e pelo setor social representado pela União das Misericórdias” (ver entrevista nas páginas 4 a 7).

Todas as transações são realizadas através de uma plataforma na internet, onde também é possível para as entidades do setor social solicitar tipos específicos de medicamentos. Desde o começo de 2014 que no banco do medicamento também podem ser encomendados e doados produtos cosméticos e de higiene pessoal.

A supervisão do funcionamento do programa, a gestão das relações com as entidades farmacêuticas e o acompanhamento e avaliação dos processos de aquisição de medicamentos é da responsabilidade da União das Misericórdias Portuguesas. Para ter acesso ao banco, é necessário cumprir alguns requisitos técnicos e de funcionamento, tais como regime de internamento, serviços médico e farmacêutico e



Banco já funciona há mais de um ano

autorização de aquisição direta de medicação. Salvo raras exceções, os medicamentos destinam-se a ser utilizados no tratamento dos utentes internados.

Mais qualidade nos cuidados continuados

Depois da **acreditação de quatro unidades** de cuidados continuados de Misericórdias, outras cinco estão já em processo final e certificação

Bethania Pagin

Depois da certificação de quatro unidades de cuidados continuados de Misericórdias em 2012 (Sabrosa, Ribeira de Pena, Águeda e Batalha), outras cinco estão já em processo final e certificação. As visitas de trabalho para a conclusão do processo tiveram lugar em janeiro.

Póvoa de Varzim, Guimarães, Mora e Santiago do Cacém são as entidades que foram visitadas pelos auditores do Consórcio Brasileiro de Acreditação (CBA), que trabalha segundo as normas da norte-americana Joint Commission International (JCI). Também Santa Comba Dão integra o grupo de cinco unidades cuja visita dos auditores americanos se prevê que decorra ainda no primeiro semestre de 2014. Recorde-se que a JCI é uma empresa com renome internacional e, por isso, uma garantia de qualidade e rigor.

A metodologia utilizada pela JCI acompanha todo o processo de prestação de cuidados, indo do momento em que o utente dá entrada nos serviços até à alta clínica. Além da consulta aos processos administrativos, a equipa da JCI também faz entrevistas a colaboradores das unidades – de auxiliares a médicos - e utentes, e ainda verifica todo o espaço físico envolvente. Um dos principais objetivos é garantir que todos os procedimentos clínicos e de

segurança do utente são cumpridos na íntegra.

A acreditação de qualidade pela JCI engloba ainda outros aspetos organizacionais como a sustentabilidade económica, a gestão de recursos humanos, incluindo o recrutamento e a formação, a gestão da segurança nas instalações, a abordagem multidisciplinar dos processos, a maneira como é comunicada a informação aos colaboradores, entre outros.

O último manual de normas da JCI, lançado em Julho de 2012, contempla ainda o cumprimento das seis metas internacionais de segurança do paciente, das quais apenas cinco se aplicam às unidades de cuidados continuados, e que versam sobre a correta identificação dos utentes; a melhoria efetiva da comunicação, em especial no que respeita a prescrição via telefone; a segurança dos medicamentos de alta vigilância; a redução do risco de infeção através da correta higienização das mãos; e a redução do risco de lesão nos utentes, decorrentes de quedas.

O reconhecimento da qualidade dos serviços prestados é a vantagem mais visível da acreditação, mas as vantagens não ficam por aqui. Todos os procedimentos implementados servem também para eliminar desperdício, assim como racionalizar custos e atividades.

Do ponto de vista dos utentes, a acreditação das unidades é uma garantia de qualidade e segurança.

Em Portugal existem, neste momento, apenas 12 instituições de saúde acreditadas. Para além das unidades de cuidados continuados das Misericórdias, a maior parte são hospitais.



Ac creditação internacional em fase de conclusão

ON-LINE

VILA DO CONDE MÚSICA E JOGOS DE LUZ NA IGREJA

→ A igreja da Misericórdia de Vila do Conde foi palco de jogos de luz que o Coro Anima Mea apresentou com o espetáculo “Luz e Sombra”. Com recurso a técnicas de iluminação, aquele agrupamento musical com 18 elementos proporcionou aos presentes, também com vozes e instrumentos, um momento de reflexão, cultura, enriquecimento musical e religioso. Foi no dia 25 de janeiro.



CONVÍVIO DEZENAS DE PROVEDORES EM ENCONTRO CINEGÉTICO

→ Dezenas de provedores marcaram presença no quarto encontro cinegético promovido pela linha de serviço da União das Misericórdias Portuguesas dedicada ao turismo (Turicórdia). A iniciativa teve lugar na Herdade Fuseira e Álamo, onde recentemente foi inaugurado o Centro de Deficientes Luís da Silva, terceiro equipamento da UMP dedicado à deficiência profunda. Foi no dia 11 de janeiro.



ALMADA FORMAÇÃO DE APOIO À CRIAÇÃO DE NEGÓCIOS

→ Chegou recentemente ao fim o projeto “Promoção de empreendedorismo imigrante”, promovido pela Santa Casa da Misericórdia de Almada em parceria com o ACIDI. Ao todo foram realizadas oito ações de formação de apoio à criação de negócios. Para os cerca de 140 participantes a formação representou uma etapa importante para a tomada de decisão de dar forma às suas ideias de negócio.

SARDOAL UNIVERSIDADE SÉNIOR VISITA PATRIMÓNIO

→ A Universidade Sénior do Entroncamento visitou, a 22 de Janeiro, a Igreja de Santa Maria da Caridade e a Igreja da Misericórdia, ambas da Santa Casa da Misericórdia de Sardoal. Sob orientação de dois técnicos superiores da Câmara Municipal de Sardoal, os visitantes puderam ver algumas particularidades do espólio da Misericórdia, a sacristia e os claustros, no interior do antigo convento.

SLIDESHOW



TURISMO PROVEDORES VISITAM TERRA SANTA

Cerca de 40 pessoas integraram a viagem de peregrinação das Misericórdias à Terra Santa. A iniciativa foi organizada pela linha de serviço da União das Misericórdias Portuguesas para o turismo social (Turicórdia) e decorreu entre 16 e 23 de janeiro. Visitas a Betânia, Santa Ana e Natividade de Nossa Senhora, S. Pedro in Gallicantu e Museu de Israel, entre outros, marcaram o programa. A Turicórdia promove ações variadas de turismo, sempre com atenção a critérios como o envelhecimento ativo e a cidadania.

DESTAQUE ENTREVISTA

Economia social tem valor absoluto nas sociedades modernas



Manuel de Lemos

Presidente da União das Misericórdias Portuguesas

Em entrevista ao VM, o presidente da União das Misericórdias, Manuel de Lemos, faz o **balanço de alguns projetos**, sem deixar de olhar para os **desafios dos próximos anos**

Bethania Pagin

Qual é a importância de uma lei de bases para o setor da economia social?

A lei de bases é uma lei estruturante da sociedade portuguesa. Daqui a muitos anos, quando se fizer o balanço desta legislatura, a elaboração da lei de bases vai louvar a maioria que a propôs e a Assembleia da República que a aprovou. De facto a economia social tem um valor absoluto nas sociedades modernas. Gera riqueza, aumenta competitividade entre os países, cria empregos sustentáveis, atua como agente de desenvolvimento local. Portugal neste plano está a menos da metade da média europeia, o que dá conta da necessidade de reformar o Estado e a sociedade. Se outros países estão acima dos 11% e Portugal está nos 5,4% isso dá a ideia de todo o campo de trabalho disponível para as instituições de economia social, que podem desempenhar um papel ainda mais importante. Para as Misericórdias, a lei de bases é uma oportunidade ímpar.

Ainda no âmbito da lei de bases e da revisão legislativa, para UMP, quais os principais aspetos a salvaguardar e a alterar para um melhor funcionamento das Misericórdias?

Não é uma mudança fácil e estamos a trabalhar na atualização do decreto-lei 119/83. Mas uma coisa é atualizar o decreto e outra é esperar que ele resolva os problemas da economia social; que havemos de os resolver atuando através do Conselho Nacional de Economia Social (CNES) e junto dos governos para que estes, no quadro geral do país, permitam que as entidades de economia social atuem no mercado e obviamente num plano diferente do setor público e do setor privado. Isso não é o novo diploma que vai fazer. Quando muito vai, ao definir as Misericórdias como agentes de economia social, viabilizar o acesso a linhas de crédito europeias. Trata-se de um mero trabalho de ordenamento jurídico. O mais importante é aquilo que nós havemos de ser capazes de fazer, por exemplo utilizando nossos recursos agrícolas ou valorizando o nosso património imóvel. Isto pressupõe o tal trabalho em rede. Implica um salto qualitativo que outras instituições de economia social já deram na Europa e que as Misericórdias têm de dar em Portugal.

Tem-se falado na hipótese de definir número de mandatos e de idade para os dirigentes. O que pensa sobre isso?

Em relação ao limite de idade não vejo necessidade. Nesses casos, há duas limitações mais importantes: o bom senso do candidato a provedor e o bom senso da assembleia que o elege. A responsabilização tem de ser das instituições. Sobre o limite de mandatos, estou dividido. Todos

sempre me ouviram dizer que o ideal são dois ou três mandatos, embora também ache que os mandatos de três anos são muito curtos. Se em certas comunidades há gente capaz para gerir a Misericórdia, em sítios pequenos e desertificados pode ser uma grande aventura encontrar pessoas para criação de uma lista e nesses casos sou mais flexível em relação à limitação.

Uma dos grupos de trabalho criados no âmbito da CASES tem a ver com os fundos comunitários. O que podemos esperar do próximo quadro de financiamento?

Pela primeira vez nos quadros comunitários há uma parte destinada exclusivamente à economia social, quer a nível central, quer nos programas regionais. Trata-se de um salto qualitativo importantíssimo que vai mudar a face da Europa. Mas se nos quadros nacionais já há uma tradição de ouvir o setor social, que se vem constituindo com evidentes sinais positivos, isso pode ser mais difícil nos programas regionais. E por quê? Porque fundamentalmente geriam programas FEDER com as câmaras municipais e a grande tentação das CCDR vai ser chamar os autarcas para perguntar como enfrentar os problemas sociais nas suas terras. Ora, muitos autarcas não têm know-how para isso, quando muito saberão os que também são diretores de IPSS ou provedores de Misericórdias. Por isso é que pedimos ao governo que promovesse no âmbito do CNES uma reunião com os secretários de Estado do Desenvolvimento Regional e os presidentes das cinco regiões-plano. Acresce que, no caso da UMP e da CNIS, a nossa estrutura continua a ter uma base distrital. Porto ou Braga não têm, em termos de CCDR, nada a ver com Bragança, por exemplo. Temos de

encontrar um modus faciendi para não perdermos a oportunidade de aproveitar esse envelope financeiro que vem para Portugal.

E há abertura para este trabalho em conjunto?

Não se trata de abertura mas tem de ser uma fatalidade. Não nos podem chamar para ajudar com as cantinas sociais e não nos chamar para debater o futuro. Repare, a Segurança Social está a ser confrontada com pedidos de acordo de cooperação para equipamentos que não sabia, nem podia saber, que existiam. Isso não pode voltar a acontecer. Temos de construir uma estrutura qualquer de coordenação que permita gerir o dinheiro que é de todos.

No plano europeu, como avalia a tentativa de impulso da economia social. Tem a ver com a crise com o modelo social europeu?

Acho que a Europa está em dificuldade porque os seus líderes embarcaram num desenvolvimento que não aconteceu. Os centros de decisão económica já não estão na Europa, estamos todos endividados e temos uma conceção de mundo diferente de outros mundos. Quando vejo pessoas que querem replicar na Europa modelos económicos que deitam por terra séculos de civilização, penso que só podem estar desfasados da realidade. Por isso é necessário compatibilizar inovação com história e olhar para uma Europa que se constrói nas comunidades, que é onde está a sua maior força. Sem essa força social poderá haver uma fratura no modelo social europeu. Quem percebeu isto já está a empurrar a Europa para modelos de economia social por causa da crise, mas não tanto da económica, mas sim da social.





→ TRIBUNAL EUROPEU DOS DIREITOS HUMANOS

Portugal foi condenado pelo Tribunal Europeu dos Direitos Humanos do Homem por lentidão da justiça em quatro processos que tramitaram durante anos nos tribunais portugueses. Indemnizações somam mais de 20 mil euros.

“

A economia social tem um valor absoluto nas sociedades modernas. Gera riqueza, aumenta competitividade entre os países e cria empregos sustentáveis

Estamos a trabalhar na atualização do decreto-lei 119/83. Mas uma coisa é atualizar o decreto, outra é esperar que ele resolva os problemas da economia social

É óbvio que ao fazer mais barato do que o Estado, a margem de erro é menor e por isso a preocupação com o financiamento é maior



Manuel de Lemos é o terceiro presidente da UMP

Esforço para melhorar gestão será determinante

Não é a preocupação primeira, mas **merece toda a atenção e rigor**. É assim que Manuel de Lemos avalia os esforços de gestão das Misericórdias

A UMP tem assento no conselho que vai viabilizar a ajuda financeira através do fundo de reestruturação do setor solidário. Em que medida os esforços para melhorar a gestão poderão ser decisivos para disponibilização do apoio?

Este fundo é um instrumento novo que o Estado coloca a disposição do setor solidário como tem vindo a fazer em relação aos últimos instrumentos, isto é, com a participação ativa nos processos de decisão das entidades que representam o setor. Há muitas instituições a precisar de ajuda e temos de ser muito rigorosos na seleção. Temos sobretudo de aproveitar a experiência das últimas linhas de crédito e uma das circunstâncias determinantes será a experiência que as instituições vão ter em sede de gestão.

Que outros aspetos estão previstos pra atribuição da ajuda?

A gestão do fundo está ainda a ser definida, mas gostaria de destacar o contributo do secretário de Estado Agostinho Branquinho porque sem ele não teria havido fundo. Além da reorganização da gestão, outro aspeto

fundamental é o facto de ser um fundo destinado a instituições com ação predominante na área social.

Em sede de parceria com o Estado, o setor social é por vezes acusado de estar excessivamente preocupado com a questão do financiamento. Concorda?

É óbvio que ao fazer mais barato do que o Estado, a margem de erro é menor e por isso a preocupação com o financiamento é maior. Vejo como positiva essa preocupação. Só significa que são pessoas responsáveis. Por outro lado, a comunicação social em geral valoriza excessivamente, talvez pela crise que estamos a viver, quanto dinheiro custa e é disso que dão expressão. Não é essa preocupação maior do setor social, mas os políticos acabam por salientar esse aspeto porque sabem que é isso que interessa aos media.

Em vários fóruns de discussão levanta-se a questão da remuneração dos dirigentes. O que pensa sobre isso? Concorda ou acha que faria mais sentido haver a figura de um diretor geral nas instituições?

O trabalho no setor social é, por natureza, voluntário. Acho que ter um diretor geral ou um dirigente remunerado depende, em primeiro lugar, da dimensão da estrutura. Se for uma grande instituição faz todo sentido que haja um diretor geral ou um corpo administrativo dirigente residente. Nas instituições mais pequenas não me

repugna que haja dirigentes renumerados desde que a remuneração seja razoável e transparente.

Num quadro de carência de recursos e aumento dos pedidos de apoio, que estratégias têm a UMP para promover o trabalho em rede entre as Misericórdias?

Essa é talvez a questão mais difícil de todas. Os portugueses são individualistas e têm dificuldade de trabalhar em rede. Acresce que o Estado, durante anos e por motivos vários, alimentou este desiderato. Por um lado dividir para reinar, por outro duplicar postos de trabalho. Não é fácil mudar mentalidades e a UMP tem feito muita pedagogia nessa matéria, como a central de negociações, através da qual conseguimos demonstrar as vantagens, para todos, de comprar em conjunto alguns bens. Este trabalho tem consequências evidentes na sustentabilidade mas também na qualidade, na medida em que júris qualificados avaliam os produtos e serviços, evitando que se venda gato por lebre nas instituições.

Em que medida a isenção de pagamento de IVA pode beneficiar o trabalho em rede em particular e o setor social em geral?

Este é um resultado prático desta nossa pedagogia e a UMP muito se orgulha de a ter conseguido transmitir ao governo. Esperamos com esta medida inverter a tendência para o individualismo entre instituições.

DESTAQUE ENTREVISTA

Relações com os bispos estão estabilizadas

Para o presidente da UMP, a Igreja está a recuperar o seu esplendor, que é **importantíssimo numa sociedade subjugada aos valores do dinheiro**

Como está a decorrer o processo de revisão dos estatutos das Misericórdias no seguimento do acordo com a Conferência Episcopal?

O decreto interpretativo foi um momento alto da vida das Misericórdias e da Conferência Episcopal. Penso que o bom senso, o sentido de equilíbrio e a responsabilidade foram muito importantes e hoje as relações com os bispos, na generalidade dos casos, estão muito estabilizadas. Tenho recebido dos senhores bispos muito apoio pelo trabalho que temos feito e tenho tido também o privilégio de ser consultado em algumas matérias em que reconhecem que os leigos têm especiais competências. Aqui e

ali há problema, mas considero que isto é da vida. O acordo de 25 anos a todos beneficia, especialmente num momento em que a igreja passa por grandes mudanças. A atitude do Papa Francisco revela uma igreja mais aberta à sociedade.

Consegue relacionar a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* com a economia social?

Em muitos aspetos. Acho que o Papa Francisco está aberto para o mundo e tem uma tarefa muito difícil pela frente. Um padre moderno não é um padre roqueiro, mas é sobretudo uma pessoa que faz-nos pensar sobre o mundo, que nos desperta para a vida de uma maneira simples, aberta e consciente. Penso que é assim que a Igreja vai conseguir recuperar o seu esplendor que é importantíssimo, em especial numa sociedade altamente subjugada aos valores do dinheiro e da economia, que não são seguramente os nossos valores primeiros.



Os casos de sucesso não estão na moda

Mais importante que assegurar devoluções é **assegurar que as devoluções sejam um sucesso**. Nisto estamos de acordo com o ministro

O governo cumpriu o prometido e foram mesmo abertas novas unidades de cuidados continuados no segundo semestre de 2013. Neste momento, há ainda unidades por abrir?

Sim, ainda há cerca de dez unidades prontas ou quase prontas. Mas essa contabilidade das unidades prontas ou não prontas é perversa. O que vale a pena perguntarmos é: o país precisa ou não de cuidados continuados? A resposta do ministro da Saúde é de que o país precisa. O relatório da OCDE diz que Portugal é um dos países mais

atrasados da Europa nesta matéria. Posto isto, se há unidades prontas que não abrem é porque há qualquer coisa errada. Do meu ponto de vista, o que esta mal é o facto de o governo não manter a coerência do seu discurso. Isto é, quando diz “para abrir mais unidades tenho de fechar unidades de agudos”, por que não as fecha? O governo está a fazer depender a rede de cuidados continuados de camas de agudos, mas não tem coragem para fechar essas camas e por isso está a utilizar alguns truques. Para não fechar hospitais, está a colocar algumas tipologias de cuidados continuados em unidades hospitalares. É um erro irreparável que vai ter consequências graves no futuro. A minha esperança é que a exigência do programa cautelar da troika no sentido da diminuição dos serviços centrais do Estado e da reorganização do sistema hospitalar permita que o governo mude de atuação.

A meta das 15 mil camas é adequada às necessidades do país? É uma meta exequível?

A meta de 15 mil camas em 2016 não vai ser alcançada. Para isso era preciso estarmos agora a lançar novos concursos e nada está a ser feito. Pelo contrário, há obras de 2007 por abrir. Com a proximidade dos atos eleitorais, duvido que haja confiança das instituições para se lançarem na aventura de construir unidades de cuidados continuados. De qualquer forma, mais do que construir mais unidades, neste momento, o mais importante é repensar a rede: o acesso, as referências etc. Devo dizer que confio no ministro, mas penso que ele está muito mal aconselhado nesta matéria.

Considera que a rede de cuidados continuados vai conhecer tempos de consolidação ou expansão no futuro próximo?

Inevitavelmente a rede vai-se expandir. Vai ser ao solavancos, mas vai-se expandir. Todos os anos a comunicação social dedica uma semana às urgências e ouvi dizer que este ano está pior que nunca. É natural. Basta pensar no que se andou a fechar por este país. A lógica economicista está a reduzir o Estado a Porto, Lisboa e à faixa litoral. O Estado está a desistir do país, o que é intolerável. Em Lisboa e no Porto, estamos a um euro de distância do hospital. Mas em Amares, que é a minha terra, já estamos a 25 euros e por aí adiante. O que as pessoas fazem? Mudam para Porto e Lisboa.

Em que fase está o processo de devolução? É possível identificar as unidades que vão ser devolvidas?

Está a evoluir. Às vezes parece que estamos perto de alcançar um objetivo, mas constatamos que houve aspetos que nos escaparam. Mais importante que assegurar que haja devoluções é assegurar que as devoluções sejam um sucesso. Nisto estamos de acordo com o senhor ministro. Não temos pressa em aceitar hospitais. Não aceitaremos enquanto não estivermos convencidos de que as devoluções vão ser casos de sucesso e não aceitaremos nenhum se não for em

pacote e não apenas para dizer que já começamos. O número acordado são três hospitais - centro, norte e sul - e seremos rigorosos.

Sabemos que a negociação com o Ministério da Saúde não tem sido fácil. A estrutura da saúde está preparada para uma mudança de paradigma, ou seja, para um Estado menos prestador de serviços nesta área?

Não está preparada e é mais uma vez uma questão de vontade política. Mandam os políticos ou a estrutura? Se mandar a estrutura não vai haver devolução, mas vai haver uma coisa muito pior e que as pessoas ainda não perceberam. Vai haver desativação progressiva de hospitais com encerramento no fim. A máquina não quer a devolução mas quer o encerramento dos pequenos hospitais.

Considera que estamos diante da reposição de uma verdade histórica?

Este sonho do regresso à saúde foi algo que sempre defendi. E mais do que a reposição de uma verdade histórica é o futuro que me interessa. No futuro temos de ter uma saúde equilibrada, próxima dos cidadãos.



→ CAMPANHA POR TRANSPORTE ADAPTADO

A Santa Casa da Misericórdia de Albufeira está a promover uma campanha de angariação e fundos. O objetivo final é a aquisição de uma carrinha adaptada para transporte de idosos, pessoas com deficiência e utentes portadores de patologia psiquiátrica.



Na ordem do dia por motivos culturais

O projeto de arte contemporânea foi um sucesso, afirma Manuel de Lemos, recordando que durante o ano as obras vão ser objeto de três exposições

Na área do património, como avalia o resultado da primeira fase do protocolo com a Cooperativa Árvore?

Fantástico. Os quadros foram um sucesso. Os pintores colaboraram, a comunicação social interessou-se pelo assunto, intelectuais portugueses debateram se valia ou não fazer figurações da Nossa Senhora no século XXI e concluíram que sim. Acho que esta fase correu muito bem e o objetivo de colocar as Misericórdias na primeira página do dia por razões culturais foi completamente alcançado.

A UMP está disponível para continuar a impulsionar a arte contemporânea no universo das Santas Casas?

Vale a pena assentarmos um pouco para avaliar com o projeto correu, até porque ainda vamos fazer exposições com os quadros. A ideia inicial era fazer a Nossa Senhora e eventualmente partir para as obras de misericórdia, mas vamos ver como as Misericórdias reagem.

E se pudesse escolher um próximo tema...

Tantos, não faço ideia. Mas vou muito pelas obras intemporais, espirituais. As corporais limitam mais a criatividade dos artistas. Talvez escolhesse a obra que manda ensinar os ignorantes.



A ideia inicial era fazer a Nossa Senhora e eventualmente partir para as obras de misericórdia, mas vamos ver como as Misericórdias reagem

Há serviços que têm de estar próximos e com tecnologia de ponta e há outros serviços que têm de estar em grandes hospitais onde a tecnologia de ponta é particularmente cara. Neste momento estamos a assistir a uma concentração de serviços que vai dar mau resultado.

Ao fim de um ano de funcionamento, como avalia a iniciativa do banco de medicamentos?

É uma experiência muitíssimo positiva de cooperação entre o setor público, representado pelo Infarmed, pelo setor privado, através dos laboratórios, e pelo setor social representado pela União das Misericórdias. É um caso de sucesso. E é por isso que ninguém fala nele. Os casos de sucesso não estão na moda.

E as farmácias sociais?

É um caso de perseverança de uma estratégia que definimos juntamente com a União das Mutualidades e temos cumprido. Teoricamente, há cerca de ano meio que deveríamos estar já do lado de lá, mas o governo e a lei de bases da economia social permitem finalmente encarar a hipótese de repor uma verdade jurídica e histórica.

Provedores têm sido autênticos heróis

‘Apesar da dificuldade dos tempos, **temos respondido com qualidade ao aumento de solicitações**’, afirmou Manuel de Lemos sobre a UMP

A União tem vindo a crescer por causa de desafios e solicitações das Misericórdias. A estrutura atual é adequada à realidade?

Prefiro uma pequena equipa motivada que uma grande equipa desmotivada. Poucos mas bons. Nesse sentido, acho que a estrutura tem feito um grande esforço e por todos tenho uma grande admiração. Reconheço que estamos muito “esticados” e o aumento de competências vai obrigar a alguns ajustes no futuro. Mas recordo que há seis anos que não há atualizações das quotas da União e algumas Misericórdias, inaceitavelmente, têm quotas em atraso e mesmo assim pedem ajuda como se as pessoas da UMP não tivessem de receber ao fim do mês. Mas penso que,

concluídas as obras - UMP atingiu seu patamar máximo de equipamentos para os anos mais próximos – faz sentido verificar como ficaram as finanças e pouco a pouco fazer ajustamentos nos recursos humanos para continuarmos a responder às solicitações que vão continuar a ser muitas.

Entre outros projetos, gostava que comentasse o da marca das Misericórdias.

Estamos a falar de qualidade e prestígio. O objetivo deste projeto é, no domínio da economia social, divulgar o nome das Misericórdias e mostrar que sabemos fazer coisas bem-feitas para além da nossa atividade tradicional de solidariedade. As Misericórdias são agentes de desenvolvimento local, são instituições viradas para o futuro e capazes de gerar riqueza. Os portugueses precisam de saber que quando compram um produto nosso estão, ao mesmo tempo, a ser bem servidos com qualidade e a ajudar alguém que não consegue pagar as suas participações num lar ou

numa creche. Esse é um trabalho que me anima e que me vai animar nos próximos dois anos de mandato.

Uma palavra para definir o ano de 2014 para os colaboradores da UMP e, num universo mais vasto, para os provedores.

Para os colaboradores: Tenho muito orgulho em todos. Apesar da dificuldade dos tempos, temos respondido com qualidade ao aumento de solicitações. Tenho pena de não poder compensar todos do ponto de vista económico. Mas novos dias virão e esse será um dos objetivos primeiros. Para os provedores, lembrar que o país tem uma sorte fantástica porque os provedores de Portugal têm sido autênticos heróis.

Sem constrangimentos de qualquer ordem, que tipo de projeto gostaria de implementar na UMP?

Um centro de recursos para a libertar os provedores das questões diárias da gestão, deixando-os mais livres para o lado mais nobre da sua missão.

EM AÇÃO



‘Recebemos muito mais do que aquilo que damos’

Na Santa Casa da Misericórdia de Venda do Pinheiro, um **grupo de voluntários complementa o apoio domiciliário com afeto**. As visitas são semanais e podem ser decisivas para sinalizar novos problemas

Bethania Pagin

São três equipas e cada uma delas conta com duas pessoas. Todas as semanas, visitam alguns utentes do serviço de apoio domiciliário (SAD) que, na maior parte dos casos, estariam completamente isolados. Os voluntários dão da Santa Casa da Misericórdia de Venda do Pinheiro e alguns estão na instituição desde a sua fundação, há cerca de dez anos.

O dia é de visita a um dos utentes do SAD. O senhor Américo Maia tem 79 anos e há 14 sofreu um acidente cardiovascular que o deixou com metade do corpo paralisada. O caso não é dos mais graves porque o senhor Américo tem a sorte de estar acompanhado com a família. Vive com a irmã, sua mais presente cuidadora, na casa da sobrinha e do marido. As visitas das voluntárias são para ele momentos de distração e alegria.

Assim que chegamos, encontramos uma vivenda de portas abertas e sorrisos afáveis. Quando vê as amigas, Américo Maia lança a sua primeira pergunta: “Então, quando é a próxima festa?” As festas acontecem na sede da Misericórdia. Sempre que possível, a Misericórdia organiza eventos e festas para os quais são convidados os utentes do centro de dia e SAD. Noites de fados e bailes de máscara são alguns exemplos. Segundo a provedora, Filomena Rodrigues,

tantos eventos devem-se à incansável equipa de colaboradores, mas também de voluntários que apoiam todas as iniciativas da instituição.

A visita faz-se de conversas e muitos sorrisos. Uma deficiência congénita impede o senhor Américo de conversar na plenitude, mas desengane-se quem pense que ele não está atento. Participa como pode, conta histórias, pergunta coisas. Quer saber das voluntárias e das suas famílias. A irmã,

Cesaltina Vitorino, conta-nos que para ele há dois grandes motivos de alegria. Uma delas é comer. A outra é sentir-se rodeado por pessoas amigas. Ou seja, “a felicidade maior é ter muitas pessoas à mesa durante a refeição”.

Além das visitas semanais das voluntárias, Américo Maia recebe o SAD da Misericórdia de Venda do Pinheiro duas vezes por dia: logo de manhã e no fim da tarde. O serviço contratado para aquele caso visa essencialmente



→ 68 DE POSTOS DE TRABALHO

A Misericórdia de Mogadouro anunciou recentemente que o seu Gabinete de Apoio à Empregabilidade do programa de desenvolvimento social CLDS+ submeteu 24 candidaturas ao Instituto de Emprego, gerando, em ano e meio, 68 de postos de trabalho no concelho.



tem de se gostar”, conta Lucinda Capitão, para quem a recompensa é óbvia: “Ganhamos em amor, recebemos muito mais do que aquilo que damos, porque, afinal, o que damos é só um bocado de tempo”. Mas é um tempo valioso, explica a responsável pelo Departamento de Voluntariado da Misericórdia de Venda do Pinheiro. Para Sandra Caetano, apesar da qualidade do trabalho realizado pelas equipas de SAD, as visitas dos voluntários têm duas grandes vantagens. Por um lado, o lado humano, do afeto, que nem sempre as equipas do SAD, que dão resposta a 60 utentes, têm tempo para assegurar. Por outro, os voluntários também são uma espécie de anjo da guarda. Durante as visitas podem reparar em sutilezas que podem revelar novas fragilidades e quando isso acontece, sinalizam logo a situação aos técnicos.

Ainda segundo Sandra Caetano, os voluntários também desempenham um outro papel fundamental, que tem a ver com a espiritualidade. No grupo de voluntários há um ministro da comunhão que também visita as pessoas, além de ir ao centro de dia. Para aqueles que recebem a comunhão, é mesmo o momento mais importante da semana.

A Misericórdia de Venda do Pinheiro tem um grupo de 18 voluntários ativos. Além das visitas, também colaboram na organização de eventos

Atualmente a Misericórdia tem um grupo de 18 voluntários ativos. Além das visitas, também colaboram na organização de eventos. Todas as semanas, por exemplo, vão as feiras da Venda do Pinheiro ajudar a Misericórdia que promove a venda de filhoses para angariar fundos.

Depois de uma entrevista, os voluntários recebem formação e ao fim de seis meses de estágio são assinados contratos que oficializam o compromisso. A fidelização do voluntariado é uma questão essencial para a Santa Casa. Tem havido desistências, mas Sandra Caetano considera que é normal. Além da necessária sintonia com os valores da instituição, é preciso que haja uma personalidade com características especiais. Além do espírito de partilha e do trabalho em grupo, é fundamental que haja capacidade para criação de laços, para empatia com os utentes etc.

Além deste grupo de voluntários, a instituição dinamiza também um grupo de voluntariado jovem, a Juventude. O objetivo, além da promoção da intergeracionalidade, é criar nos jovens o espírito de solidariedade.

Para a provedora, não há dúvidas. É já impossível pensar na Misericórdia sem a presença dos voluntários.

Alimentos para mais de 600 pessoas

Além de uma cantina social, a Santa Casa da Misericórdia de Vizela tem a funcionar dois programas de distribuição de alimentos. **Ao todo, apoia 224 famílias**

Alexandre Rocha

Andréia Machado tem 35 anos, está divorciada e é mãe de cinco filhos, um deles portador de paralisia cerebral. Antiga operária têxtil, as necessidades especiais do filho obrigaram-na a uma mudança de vida radical. “Desde que nasceu, tive de deixar de trabalhar”. Assim como Andréia, Carla Ferreira, 42 anos, é também divorciada e mãe de quatro filhos, três deles ao seu cargo. Encontra-se desempregada há quatro anos, depois de trabalhar na área das limpezas e na restauração. Ou ainda Maria José Lopes, 37 anos, mãe de uma filha e igualmente separada do marido há já 17 anos. O seu percurso é ainda mais acidentado: costureira, não voltou a encontrar trabalho depois que foi vítima de doença oncológica, felizmente curada, após três anos de baixa. O que têm em comum? Todas são beneficiárias dos programas alimentares da Misericórdia de Vizela. Quando questionadas sobre a possibilidade de um cenário onde não dispusessem deste apoio, as respostas convergem todas para um sentimento em comum, entre olhares vazios e cabeças baixas, sintetizado numa das réplicas: “Infelizmente, para nós, não há muitas saídas”.

“Neste momento atendemos a 224 famílias, o que representa um universo de quase 600 pessoas”, explica-nos Domingos Vaz Pinheiro, provedor da Misericórdia de Vizela, sob cuja alçada estão em curso dois programas de distribuição de géneros alimentícios, a saber: o Programa Comunitário de Ajuda Alimentar a Carenciados (PCAAC) e o Programa Alimentar de Vizela (PAV).

O primeiro é uma ação promovida anualmente pela Comissão Europeia, executado pelos Centros Distritais da Segurança Social, que elegeu a Misericórdia para o papel de mediador na distribuição de víveres desde Maio de 2012.

Já o PAV, muito embora com o mesmo objetivo de colmatar as carências alimentares do concelho, funciona de forma diferente. Resultado



de um protocolo entre 15 diferentes organismos, visa promover a recolha de géneros alimentícios não perecíveis através de campanhas junto dos vizelenses, especialmente nas superfícies comerciais da região. Funcionando apenas com base no voluntariado e na solidariedade dos munícipes, realizam-se campanhas de angariação de alimentos com uma periodicidade semestral, sendo que a última recolha, por altura do Natal, resultou em sete toneladas de alimentos que vieram a encher o armazém cedido pela Câmara Municipal.

Este programa de iniciativa regional vem complementar o PCAAC. “Distribuímos cabazes em média de dois em dois meses e isto provavelmente não seria possível sem o PAV”, conta-nos Fátima Guimarães, uma das responsáveis administrativas da Misericórdia.

E como são distribuídos estes mantimentos entre a população dos que mais deles necessitam? É aqui que entra em cena o Gabinete de Acompanhamento e Ação Social

(GAS), constituídos por técnicos de assistência social, psicólogos e educadores. “São eles que estão em campo e conhecem de perto as necessidades de cada utente”, remata Vaz Pinheiro, acrescentando que desde 2005 a Misericórdia funciona como autêntica parceira da Segurança Social em Vizela, estando também responsável pelos processos de análise e atribuição do Rendimento Social de Inserção no concelho. Sabedores desta realidade social, torna-se muito mais fácil enquadrar individualmente os que obedecem aos critérios estabelecidos. Agregados monoparentais, com fraca retaguarda familiar, vítimas de desemprego prolongado e geralmente com menores a seu cargo são as principais características dos beneficiários.

A Misericórdia de Vizela integra ainda a rede solidária de cantinas sociais, onde apoia atualmente 40 pessoas todos os dias. Segundo o provedor, a Misericórdia tem capacidade para alcançar uma centena de refeições no âmbito deste programa de cantinas.

higiene pessoal e ajudar a levantá-lo da cama e voltar a colocá-lo no fim do dia. A alimentação é assegurada pela família e, segundo Dona Cesaltina, o irmão ainda tem autonomia para fazer sozinho as refeições.

As visitas àquela casa são uma lufada de ar fresco, contam as voluntárias Virgínia Diogo e Lucinda Capitão. E garantem que nem todos têm as condições de habitação e de apoio familiar que o senhor Américo tem. Há idosos a viver em muito más condições, em alguns casos em completo isolamento familiar e geográfico. Há também casos de pessoas que, embora já não consigam conversar, revelam com os olhos a alegria de uma visita para alegrar os dias.

As duas voluntárias que conversam com o VM já estão na Misericórdia desde a sua fundação, há cerca de dez anos. E ambas concordam que casos como o de Américo Maia são raros. “Há situações tão duras que nos deixam transtornadas, mas temos de tentar não pensar muito”, revela Virgínia Diogo, para quem a vida sem o voluntariado já é inconcebível.

“O voluntariado não se ensina,

EM AÇÃO

RECEITAS NAS MISERICÓRDIAS

Sopa de couve com feijão de Amieira do Tejo



INGREDIENTES: (PARA 4 PESSOAS)

1 kg Feijão Branco
1 kg Couve cortada em juliana
4 Batatas
1 Cebola grande
3 Dentes de alho
½dl azeite
Sal qb

MODO DE PREPARAÇÃO:

Coza o feijão, à parte coze as couves com as batatas. Depois de cozidas as batatas são esmagadas com um garfo e junta-se ao feijão e às couves. Coloca-se também cebola e alho picado e tempera-se com o azeite e sal.

NOTA: existem várias receitas em que varia a qualidade do feijão e da couve, na nossa freguesia confeciona-se com o feijão branco.

PREÇO:

€€€€€

DIFICULDADE:

☺☺☺☺☺

Alfabetizar através das cores e dos bits

Programa “Envelhecer com Vida”, promovido pela Santa Casa de Bragança, é exemplo de boas práticas no desenvolvimento psicossocial dos idosos

Patrícia Posse

Por aqui, não há toque de campanha nem atropelos de mochilas. Cada um aparece à hora que lhe convém, mas, em geral, a vontade de ali estarem torna-os bastante cumpridores. Vêm na pintura e nas novas tecnologias uma forma de fintar o tempo e acrescentar saberes à sua experiência de vida.

Destinado aos utentes dos lares, centro de dia e apoio domiciliário da Santa Casa de Bragança, o programa “Envelhecer com qualidade” foi implementado com o intuito de “criar bem-estar e gosto pela vida”. “Estamos no 4º ano e o balanço é positivo”, acrescenta o provedor Eleutério Alves.

A ludoteca intergeracional, instalada no edifício-sede da Santa Casa, tem sido uma força motriz. “Temos tido uma adesão bastante significativa,

na ordem dos 600 utentes desde que entrou em funcionamento”, revela a coordenadora do programa, Susete Abrunhosa.

O diagnóstico é fácil de fazer: a média de idades ronda os 80 anos e o grau de alfabetização é baixo ou nulo. Por isso, uma das estratégias passa por alfabetizar através do desenho, da pintura e dos jogos. “Procuramos motivá-los para fazer o que não fizeram quando eram mais jovens”, revela Tânia Soares, técnica de informática.

Humberto Barreira viu a ludoteca nascer e, desde então, ficou fã. É muito raro falhar um dia. Ainda foi à escola durante algum tempo, o suficiente para se desenrascar. “Aprendi a escrever o meu nome e leio qualquer papel que me interesse. Antes, a gente mal podia apertar os socos e já nos faziam ir trabalhar.”

Atitude persistente e perfeccionista

De segunda a sexta-feira, a ludoteca está de portas abertas e recebe, sobretudo, senhoras. Tânia Soares sabe de cor o perfil dos seus “alunos”: assíduos, pontuais, quase sempre fiéis

aos horários. Se não comparecem, justificam-se.

Os exercícios desafiam a ligar números para desenhar figuras, incluem códigos de cores e associações entre palavras e imagens. Tentam “fazer o melhor” e querem ser perfeccionistas para “se sentirem bem”.

José Valente, 70 anos, é uma das presenças regulares. “Passa-se aqui um bocadinho bom. São boas professoras e a gente tem muita descontração.” Ainda chegou a ir “uns dias” à escola, mas o pai instruiu-o rapidamente nas lides agrícolas.

Enquanto o lápis escorrega sobre a folha, Lurdes Machado admite que tem feito “pinturas muito bonitas”. “A gente está neste trabalhinho e não pensa em mais nada.” O fim-de-semana é uma tortura, porque a ludoteca está fechada e “custa muito a passar esse tempo”.

“Faço por fazer tudo o mais perfeitinho. Tenho cuidado para não sujar o papel e não usamos borracha. O que sai, tem de sair bem feito”, sentença.

Pelas mesas, espalham-se ora lápis, ora tintas de aguarela. Há ainda tempo para jogar às cartas ou ao loto.



“Queremos que estejam ocupados, se sintam úteis e que não estejam sozinhos”, sustenta Tânia.

Inclusão digital na idade sénior

Ao fundo da sala, meia dúzia de computadores em “off”. À exceção de um dia por semana, os utentes podem utilizá-los para vários fins: pintura; jogos de memória; os que sabem ler preferem o Facebook para contactar com as famílias, publicar fotografias e dar feedback aos comentários. “Antes de virem para aqui, nunca tinham mexido num computador e alguns nunca tinham visto um”, afirma a técnica.

Aos 88 anos, Humberto Barreira tem descoberto um mundo novo. Prime as teclas e manuseia o rato do computador para “ver certas figuras e jogar”, espreita a sua página no Facebook “para passar o tempo”. “Às vezes, os meus filhos que estão em França dizem-me que já me viram no Facebook”, informa.

Em Bragança, o diagnóstico é fácil de fazer: a média de idades ronda os 80 anos e o grau de alfabetização é baixo ou nulo

Nesta cartilha virtual, os utilizadores séniores “gostam e acham piada, mas nota-se que não estão à-vontade”. Os familiares olham para a alfabetização através das novas tecnologias da informação “com muito agrado”. “É muito giro quando entram no computador e recebem mensagens do estrangeiro”, constata Susete Abrunhosa.

Com 82 anos, Lurdes Machado é um desses casos. “Tenho filhos e netos em França, sobrinhos no Brasil e uma irmã em Lisboa e estão todos ali [no Facebook]. Mando beijos e gosto de ver os bolos que o meu filho faz.”

O provedor orgulha-se do facto de muitos utentes terem conseguido a aprender a ler “o mínimo”, de se incentivar o gosto pela leitura e a inclusão digital. Também são levadas a cabo atividades de educação física, hábitos alimentares saudáveis, um plano de prevenção de quedas no domicílio e um serviço de teleassistência. Foram ainda criados quatro postos de trabalho permanentes.

O programa “Envelhecer com Qualidade” arrancou em 2010 e termina no próximo mês de Julho, mas, perante os resultados obtidos, o provedor garante que as atividades vão continuar “mesmo que não tenhamos mais apoios da parte do Estado”. “Contabilizamos mais de 2600 participações em todas as atividades que desenvolvemos”, revela a coordenadora.

Em 2012, a iniciativa esteve entre os finalistas do Prémio Manuel António Mota, que distingue projetos de envelhecimento ativo.



DEIXE A INFORMÁTICA CONNOSCO!
AS PESSOAS PRECISAM DE SI!

19
ANOS

JUNTO DAS:

Instituições Particulares Solidariedade Social
Santas Casas da Misericórdia
Associações Mutualistas

APLICAÇÕES

TSR - CONTABILIDADE ESNL

TSR - UTENTES IPSS

TSR - IMOBILIZADO ESNL

TSR - PRESCRIÇÃO ELETRÓNICA Módulo de Receitas, Meios Complementares de Diagnóstico.

TSR - LANÇAMENTOS AUTOMÁTICOS

TSR - ORDENADOS

TSR - UNIDADES DE SAÚDE Unidades de Cuidados Continuados, Hospitais, Clínicas, Fisioterapia, Imagiologia, etc.

TSR - PROCESSOS CLÍNICOS (UCC)

Utiliza dois descontos de acordo UMP - TSR para a sua UCC

TSR - STOCKS Por economatos, cozinhas IPSS.

TSR - SISTEMA INTEGRADO DE TESOURARIA TSR - Utentes, TSR - Bancos, TSR - Associados, TSR - Rendas, TSR - Caixas e Pagamentos a Fornecedores.

TSR - QUALIDADE Terceira Idade, Infância e Juventude, Apoio na Vida Quotidiana.

TSR - CONTROLO DE MEDICAÇÃO

TSR - VIATURAS

TSR - ASSOCIADOS/IRMÃOS IPSS

TSR - CONTROLO DE CORRESPONDÊNCIA

TSR - GESTÃO COMERCIAL

TSR - MÓDULO DE ORÇAMENTOS

WWW.TSR.PT

Rua dos Cutileiros, 2684 1º - Sala 11
4836-908 Guimarães
Tlf.: [+351] 253 408 326 (3L/BA)

Tlm.: [+351] 939 729 729
Fax: [+351] 253 408 328
Email: tsr@tsr.pt



VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Leia, assine e divulgue

Para assinar, contacte-nos: Jornal Voz das Misericórdias, Rua de Entrecampos, 9 - 1000-151 Lisboa
Telefone: 218110540 ou 218103016 Email: jornal@ump.pt

No ITAU construimos
relações de confiança



- Rigor e redução de custos na gestão da sua alimentação.
- Estudo de soluções de parceria para renovação de cozinhas através da gestão do serviço de alimentação.

ITAU Instituto Técnico de Alimentação Humana, SA

Sede: Largo Movimento das Forças Armadas 3, Alfragide, 2610-123 Amadora • Tel. 210 420 400 • Fax. 210 420 490
Delegação Norte: Rua de Lionesa, Centro Empresarial B - R/C, 4465-171 Leça do Balio • Tel. 220 403 400 • Fax. 220 403 490
E-mail: itau@itau.pt • Internet: www.itau.pt

Social Investe

Por um futuro mais solidário

LINHA DE CRÉDITO

cases@cases.pt

Email

www.cases.pt

Mais info

21 387 80 46/7

21 043 68 77

21 043 68 76

Tel. CASES



SOLUÇÕES POUPANÇA E PROTEÇÃO




Montepio



Montepio

Valores que crescem consigo.

Num mundo em constante mudança, há um Banco que o acompanha ao longo da vida. Onde milhares de pessoas se unem para proteger o fruto do seu trabalho, prevenindo e assegurando o seu futuro e o da sua família. Por isso, se procura um Banco em que possa confiar, junte-se a nós e descubra tudo o que as Soluções Poupança e Proteção do Montepio podem fazer por si.

1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36
37	38	39	40	41	42
43	44	45	46	47	48
49	50				

1	2	3
4	5	6
7	8	9



Uma aposta em Boas Causas

Este é o outro lado dos jogos. Sempre que aposta, está a apoiar instituições que todos os dias levam esperança, conforto e sorrisos a milhares de pessoas em todo o país. Aposte nos Jogos Santa Casa. Se ganhar, vai fazer muita gente feliz. Se não ganhar, também.

EM FOCO



Coro da Misericórdia de Pavia tem repertório original

Ensaïar, afinar a voz e alegrar o espírito

Grupo de cantares da Misericórdia de Pavia recupera costumes tradicionais através da música. **Letras originais compõem o repertório** que aproxima passado do presente

Adriana Mello

Todas as segundas-feiras, com ou sem frio, o ritual é o mesmo: pelas vinte horas o grupo de cantares da Santa Casa da Misericórdia de Pavia reúne-se para ensaiar, afinar a voz e alegrar o espírito. Num ambiente descontraído, os vinte integrantes do coro animam o serão com temas alusivos aos costumes e tradições de Pavia: “Pão caseiro”, “Minha terra, meu Alentejo” e os “Bailes da minha terra” são apenas alguns dos títulos das canções emblemáticas do grupo de cantares. Afinal, preservar a cultura local, principalmente nestes tempos de globalização e massificação, é o lema do grupo que dispõe de um vasto repertório próprio, constituído por letras originais e canções inéditas.

A história da formação do grupo começou há onze anos. Tudo teve iní-

cio com uma visita de Bagão Félix (na altura ministro da Segurança Social) à Santa Casa da Misericórdia de Pavia. Decorria o ano de 2002 e a provedora da Santa Casa (na época), Generosa Pereira, pretendia realizar um caloroso acolhimento, de preferência embalado por cantares da terra. Ora, na igreja local, já existia um pequeno coro e foram essas as primeiras pessoas a integrar o grupo. A música escolhida foi “Se fores ao Alentejo...”, e a receção, feita em Pavia, um êxito. Essa atuação representou o primeiro passo para constituição do grupo pois rapidamente conseguiu-se agregar um número considerável de interessados.

Desde então o grupo de cantares não parou e tem promovido o nome da região tanto em Portugal como no estrangeiro, pois já atuaram até em Espanha. A responsável pelos ensaios, Lúcia Botelho, conta que passo a pas-

Números

11 anos O grupo de cantares da Santa Casa da Misericórdia de Pavia fez a sua primeira atuação no dia 21 de dezembro de 2002.

20 elementos Todos os integrantes são alentejanos e têm como objetivo ajudar a divulgar a cultura, os costumes e as tradições de Pavia.

82 anos As idades variam entre os 82 e os 3 anos. O elemento mais idoso é o Sr. Francisco. A pequena Cláudia, de 3 anos, é a mais jovem e sabe todas as letras.

so “foi criado o repertório, com músicas elaboradas pelo professor Sertório e letras efetuadas por elementos do grupo, tendo como tema o Alentejo”. As letristas – Antónia Picão e Maria Luzia – se inspiram nas suas próprias vivências, costumes e nos tempos antigos. O professor e acordeonista acrescentou que “o grupo prima pela qualidade e união”.

O provedor da Santa Casa de Pavia, José Paulo Caeiro, também enalteceu o projeto que enriquece toda a região sublinhando que “o grupo é a expressão da voz da Santa Casa de Pavia”.

Para os membros do coral o convívio também é importante. Muitos dos elementos do grupo fizeram teatro e agora encontram na música a alegria e um momento de confraternização. Quase todos são de Pavia, mas há quem more mesmo ali ao lado, em

Cabeção. Com idades compreendidas entre os 82 e os 3 anos (sim, três anos), permanecem unidos pela satisfação de cantar.

Segundo Lúcia Botelho “trata-se de uma iniciativa de voluntariado e o grupo contribui oferecendo todo o dinheiro que arrecadam para a Santa Casa de Pavia”. Assim reforçam a identidade da instituição e colaboram para a preservação das tradições.

Os últimos tempos foram repletos de atividades, pois o coro tem recebido convites para atuar em vários eventos muito diversificados, sendo de assinalar que em 2005 decorreu a gravação do primeiro CD com o apoio da Câmara Municipal de Mora. Quanto ao futuro, e ao que tudo indica, dinamismo e inovação não vão faltar, pois o grupo de cantares está pronto para continuar a conquistar o mundo com as suas músicas.

TERCEIRA IDADE



Ter a coragem de olhar para a frente

Nova dinâmica do Lar Maria Luísa da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira visa angariar fundos e aproximar utentes e comunidade

Susana Ramos Martins

Uma história por cada linha vincada na pele. E não faltaram rostos para contá-las no auditório do CAE de Campos, em Vila Nova de Cerveira, que a 24 de janeiro recebeu a conferência-exposição “Vida com Histórias – um olhar contemporâneo sobre a condição de ser idoso”, organizada pelo Lar Maria Luísa da Santa Casa da Misericórdia da localidade.

São fotografias que retratam 20 dos 80 utentes do Lar Maria Luísa. São estampas a preto e branco acompanhadas de um pequeno texto que

relata a história daquele rosto marcado pelo tempo.

O projeto nasceu com a diretora do lar, que lançou o repto ao psicólogo Sérgio Parente: preparar um portfólio com as histórias dos utentes do lar. Daí até à exposição fotográfica foi um pulinho e o resultado um sucesso que ultrapassou as fronteiras da instituição. De tal forma que a exposição já percorreu todo o município de Vila Nova de Cerveira e agora os restantes utentes do lar também querem participar.

A iniciativa enquadra-se num projeto de empreendedorismo social ligado à terceira idade e que teve início

em 2010. O objetivo era duplo: rentabilizar e angariar fundos para o lar, que precisava de algumas melhorias, mas também aproximar os utentes da comunidade. Com poucos recursos económicos, o processo começou com um diagnóstico para perceber quais as necessidades do lar. “Descalçamos os sapatos de tacão, calçamos as botas e pusemos mãos à obra”, revelou Mara Rebelo. Participaram, assim, na feira medieval, avançaram com uma loja social, promoveram jantares temáticos, vendas e feirões.

Três anos depois, as diferenças já são notórias. Novo equipamento, lar

pintado e mais cómodo. Mas muito falta ainda fazer e Mara Rebelo não cruza os braços. Para 2014, tem como missão definir a marca do lar, que ao VM confidenciou estar em cima da mesa a possibilidade de ser o “Lado a Lado”. Para este ano, duas atividades são já certas: a participação num mega piquenique no centro da sede do concelho - o Lar Maria Luísa vai ficar responsável pela confeção e venda da alimentação - e participação na feira medieval de Vila Nova de Cerveira. Mara Rebelo enfatiza os resultados deste projeto de empreendedorismo social, que diz serem muito positi-

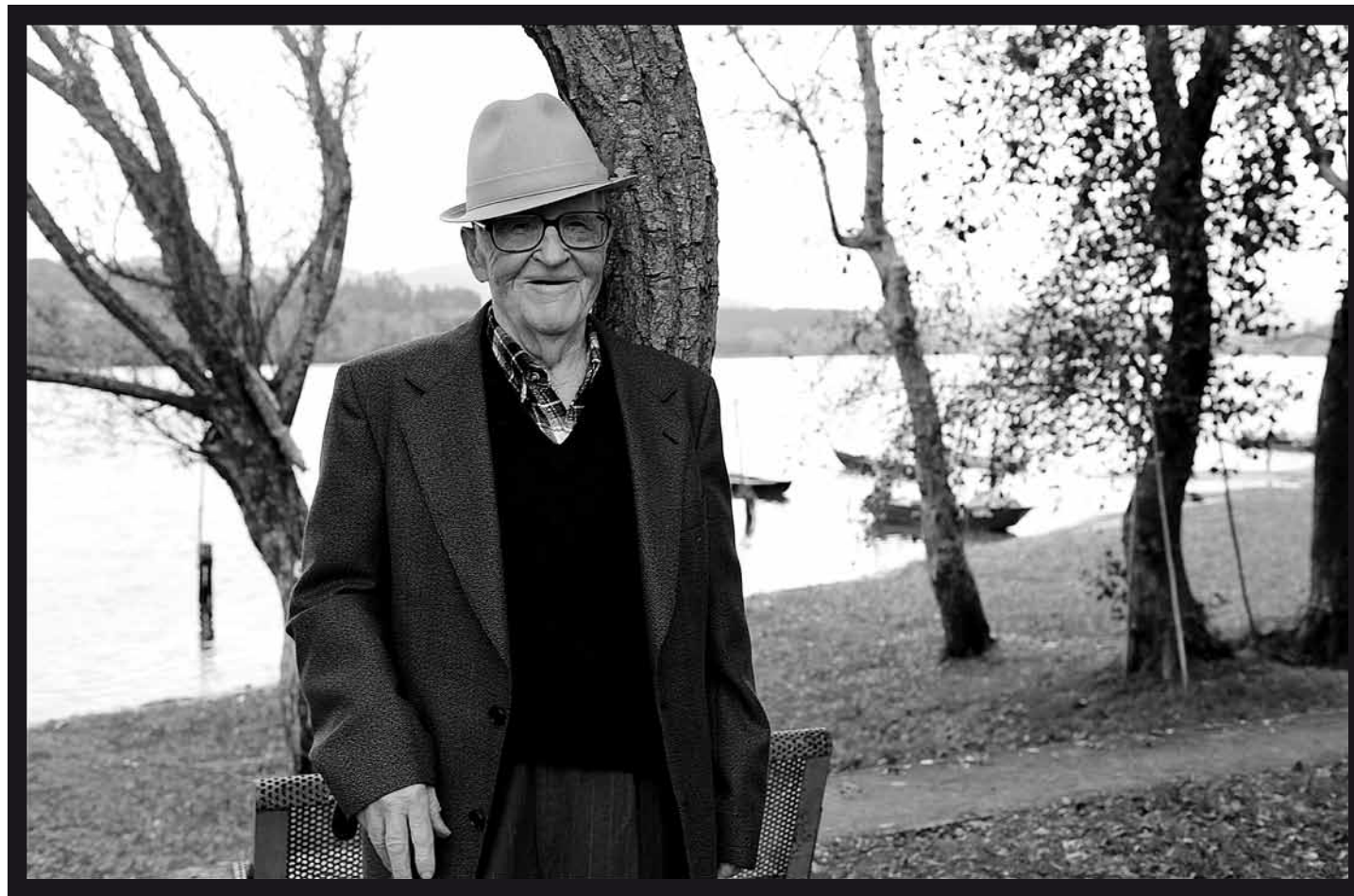
vos e visíveis. “Convido as pessoas a visitarem a nossa instituição para verificarem a compra de todo o equipamento que conseguimos através de todos os projetos sociais”.

E foi nesta dinâmica que surgiu o projeto “Vidas com histórias”. “Não estava planeado chegar-se a uma exposição fotográfica, mas a ideia cresceu e fez-se”, lembrou a diretora técnica, salientando os dois principais objetivos da iniciativa: “dar dignidade e autoestima a quem trabalhou uma vida inteira” e “fazer o portfólio fotográfico dos utentes do Lar Maria Luísa”.



→ MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA

A autarquia e a Santa Casa da Misericórdia de Torre de Moncorvo vão lançar um projeto de integração social - o "112 Social" - que visa a melhoria das condições de vida da população mais carenciada e mais idosa do concelho.



VOLTA A PORTUGAL

Fátima-Ourém lança projeto 'Conta-me uma história'

A Santa Casa da Misericórdia de Fátima-Ourém lançou recentemente o projeto "Conta-me uma história". São já duas as voluntárias integradas nesta atividade que visa chegar mais perto dos doentes acamados na instituição. Segunda comunicado da instituição, os primeiros contatos tiveram um resultado bastante positivo e a iniciativa vai continuar, pelo menos, durante o ano de 2014.

Utente do Cartaxo realiza sonho de batismo

Uma das suas utentes da Santa Casa da Misericórdia de Cartaxo, Alice Manuel Antunes, foi batizada. Segundo comunicado da instituição, "há muito que Alice desejava ser batizada, pelo que a Santa Casa, cumprindo a sua missão, a acompanhou neste percurso de evangelização e testemunhou e partilhou a sua felicidade". Foi 5 de janeiro na Igreja de São João Baptista.



O projeto pretende assim homenagear quem já tem muitos anos de vida e muitas histórias para contar, como é o caso de Julieta Nicola, uma das utentes que, em Fevereiro, se prepara para cumprir 105 anos e é um dos rostos da exposição. "São histórias marcadas pelo saber-fazer. Procurou-se por em evidência o valor destas pessoas", explicou o psicólogo Sérgio Parente.

Foi o que testemunharam, durante a conferência, três utentes do lar, que também participaram na exposição fotográfica e fazem questão de acompanhar a dinâmica que, entretanto, surgiu na instituição. É o caso de

“

Convido as pessoas a visitarem a nossa instituição para verificarem a compra de todo o equipamento que conseguimos através de todos os projetos sociais'

Mara Rebelo
diretora técnica

Manuela que habita o lar após uma desavença familiar a ter deixado a habitar sozinha a sua casa. Não há atividade em que não participe esta mulher que, em Lisboa, conheceu Carlos do Carmo e Beatriz Costa.

Outra protagonista é Laurinda Correia, de 85 anos. A vida de trabalho não lhe tira a boa-disposição que, ainda assim, confessa ser de dias. "Tenho marés que estou bem-disposta, tenho outras que não. Quando estou bem-disposta até canto". Laurinda teve uma vida complicada, como a própria admite. Quando apenas tinha 13 anos, o pai morreu e teve de ser

ela a ganhar o sustento para a casa de família. Trabalhou em tudo: no minério, no estanho, na resina, na floresta. "Depois casei-me e ainda trabalhava mais", confessa, agora por entre risos, que a vida dura já lá vai. "Ui, Jesus! Trabalhei muito".

Dos três filhos, um já faleceu, os outros dois, duas raparigas, foram viver para longe. Ainda assim, garante que todos os meses a vão visitar ao lar, para onde se mudou há quatro anos e onde, admite, ter-se adaptado "muito bem". "Não chorei nem nada. Só chorei quando estava na cadeira de rodas. Agora já ando, mas com muita dificuldade". Mas garante que é o suficiente para, quando está bem-disposta, até cantar.

A conferência reuniu diversas personalidades, entre eles, o médico Luís Gonzaga, a quem coube explicar o processo biológico do envelhecimento, e a enfermeira Andreia Félix, que testemunhou a sua experiência na área dos cuidados paliativos, e Paulo Moreira, diretor deste jornal, que elogiou a dinâmica criada naquele lar.

A conferência foi encerrada pelo provedor da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira. José Rebelo recordou o exemplo do seu pai quando se aposentou. "Insisti que ainda tinha muito a dar à sociedade e, por isso, ofereci-lhe aquele computador", contou. Após um período de adaptação e iniciação, o computador deixou de ser um mistério e o pai do provedor acabou por escrever um livro. "Ser idoso é ter a coragem de olhar para a frente e dizer que traz consigo um mundo de conhecimento", concluiu.

35

Aniversário no Entroncamento

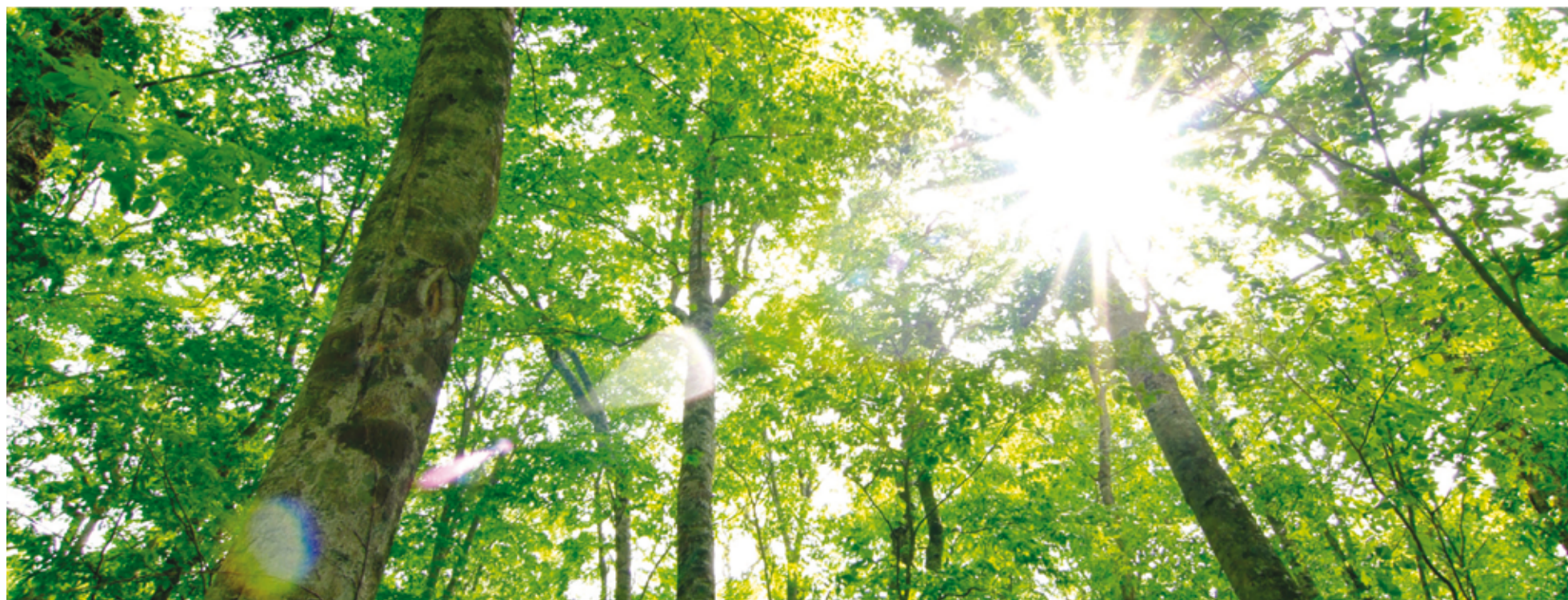
O Lar Fernando Eiró Gomes da Misericórdia de Entroncamento completou recentemente 35 anos de atividade. A festa que marcou a data contou com a presença de dirigentes, colaboradores, utentes e familiares.

Festa de reis na UCC de Porto de Mós

Música e alegria animaram a unidade de cuidados continuados (UCC) da Santa Casada Misericórdia de Porto de Mós no Dia de Reis. Utes de todas as respostas para terceira idade (lar e centro de dia), familiares e colaboradores aceitaram o convite e encheram as instalações da UCC para participarem nesta festa. A música ficou a cargo da universidade sénior da localidade.

Dança com as estrelas anima utentes em Mora

A Misericórdia de Mora promoveu um concurso intitulado "dança com as estrelas" no lar de idosos e centro de dia. As estrelas do concurso foram as colaboradoras da instituição que entusiasmaram a plateia de utentes. O concurso contou com a presença de alguns utentes da unidade de cuidados continuados e um deles, pela experiência na área musical, foi membro do júri.



SCA nomeada uma das empresas mais éticas do mundo

Somos uma empresa global, presente em mais de 90 países e dedicada a produtos de higiene pessoal, papel, cartão, papel para publicações e produtos de madeira sólida. Somos líderes em muitas destas áreas com marcas como TENA ou Libero.

Fomos recentemente nomeados como uma das empresas mais éticas do mundo pelo Ethisphere® Institute, pelo quinto ano consecutivo.

Este instituto americano, que tem como missão a promoção, desenvolvimento e partilha das melhores práticas de ética empresarial, responsabilidade social corporativa, anticorrupção e sustentabilidade, avaliou milhares de empresas de mais de 40 setores de atividade, reconhecendo a SCA como exemplo que vai além do que é exigido eticamente e que inclui princípios éticos como fatores fundamentais para o desenvolvimento das suas atividades, marcas e para a sua rentabilidade.

De acordo com Jan Johansson, Presidente e CEO da SCA, “Estamos honrados pelo reconhecimento do Ethisphere® Institute. A ética e a sustentabilidade são fatores que consideramos essenciais para o diferencial de negócio. Os nossos esforços nesta área são reconhecidos pelos clientes, consumidores e investidores, o que fortalece a nossa vantagem competitiva”.

Recorde-se que a ética e a sustentabilidade são parte integrante das operações da SCA e estratégicas para o crescimento e criação de valor. A empresa estabeleceu um plano de metas a alcançar no âmbito da responsabilidade ambiental, social e códigos de conduta e é a maior proprietária privada de floresta da Europa, com 2,6 milhões de hectares.

Saiba mais em <http://ethisphere.com/worlds-most-ethical-companies-rankings/> e conheça as atividades de sustentabilidade da SCA em www.sca.com/sustainability



Libero



clo Life Porque os nossos produtos tornam a vida mais fácil para Si e para milhões de pessoas em todo o mundo. Porque os nossos recursos e a forma como trabalhamos são partes naturais do ciclo de vida global. E porque nos preocupamos.



Terapia pela arte para tranquilizar utentes

De uma **parceria entre o departamento de psicologia e o núcleo museológico** da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro nasceu o projeto Sou Arte

Vera Campos

De uma parceria entre o departamento de psicologia e o núcleo museológico da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro nasceu o projeto Sou Arte que aliou a arte à terapia, num propósito de estimulação cognitiva no âmbito da sua intervenção com pessoas com demência. O primeiro ciclo da iniciativa terminou em Novembro de 2013, e o Voz das Misericórdias foi conhecer os resultados obtidos.

“Foi melhor do que me darem uma prenda”. Quem fala assim não é gago, não senhor, e neste caso quem fala é Casimira Costa, de 81 anos e utente do lar da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro e participante no primeiro ciclo do projeto Sou Arte. Casimira, de pele clara e sorriso fácil, tem um companheiro “maroto”. O senhor Parkinson. “Malandreco”, diz ela. Mas nem a doença a atrapalha quando a atividade do dia passa por olhar, sentir e criar.

O primeiro ciclo do projeto teve uma duração de seis meses, com sessões mensais. Terminou no final de 2013 e aconteceu mediante o desenvolvimento de ações estruturadas, beneficiando de múltiplos contextos de estimulação, decorrentes de duas orientações de intervenção: observar e criar.

A primeira sessão ficou na memória de todos: técnicos e utentes. Chegaram de olhos vendados, porque as obras, tácteis, que se lhes apresentavam haviam sido pintadas

especificamente para invisuais pela artista brasileira Eni D’Carvalho. Todos recordam o episódio, mas nem todos se sentiram confortáveis. As vendas passaram a ficar em casa, e os métodos foram adaptados ao agrado de todos os oito participantes. Tendo em atenção a situação particular de cada utente, cada sessão foi pensada em articulação com as técnicas da área psicológica, cultural e de animação. “Pretendemos reforçar de forma positiva cada objetivo alcançado, estimular áreas que possam estar mais debilitadas e, acima de tudo, provocar o bem-estar, alegria, o convívio social”, explicou-nos a psicóloga Ana Paula.

Desde 2007, e fruto do protocolo com a associação Alzheimer Portugal, a Misericórdia de Aveiro representa a instituição a nível distrital. Para além das inúmeras atividades desenvolvidas no âmbito da estimulação cognitiva, a arte-terapia surgiu como uma mais-valia que interessava explorar. “Seremos inovadores foi a intenção. Quisemos aproveitar o que é o potencial de cada um na expressão, no domínio da arte e na interpretação que cada um dá aquilo que lhe apresentamos”, continuou a técnica. Conscientes que da estimulação cognitiva poderia emergir o potencial de cada utente, abraçaram o projeto com toda a garra.

A par da intervenção medicamentosa, é reconhecido que a estratégia de intervenções não farmacológicas têm comprovado benefício para o doente, resultando num importante contributo complementar.



Primeiro ciclo do projeto teve duração de seis meses

A intervenção terapêutica subjacente à estimulação cognitiva, prática complementar às terapêuticas farmacológicas, a arte-terapia resulta na possibilidade de manifestação livre e criativa, estimulando internamente a sensibilidade, a curiosidade e o comportamento de procura ativa revelado na iniciativa de observação e de descoberta do espaço e obra criativas. “Se conseguirmos, a par daquilo que a farmacologia assegura, manter o nível de funcionamento e a prestação cerebral da pessoa, estamos a fazer muito”, explica a psicóloga.

Em termos comportamentais, a terapia pela arte permite tranquilizar o utente. “Com as estratégias utilizadas, a ideia de que ‘já não sou capaz’ torna-se menos pertinente, porque mostramos às pessoas aquilo que elas ainda conseguem, e não aquilo que não conseguem. Mais do que perdas e dificuldades, o importante é potenciar os recursos existentes em cada doente”.

Após os resultados apresentados, a Misericórdia de Aveiro está disponível para alargar a participação a utentes de outras instituições. Em relação à

continuidade com os primeiros oito utentes, o plano ainda está a ser definido. Ainda segundo aquela responsável, “oito utentes é o número ideal para que a intervenção e o estímulo seja mais eficaz e não dispersa por vários utentes”.

Para António Modesto, de 80 anos e um dos participantes do primeiro ciclo do Sou Arte, o mais marcante foi a visita às salinas e ao Eco Museu da Troncalhada, em Aveiro. Um regresso às memórias da sua juventude. “Passeava por lá de bicicleta ... muitas vezes”, recordou-nos.

APOIO AO DOMICÍLIO: FIAT DOBLÒ FP CARE



A Fiat Professional, marca de veículos comerciais do construtor italiano, assume-se como uma referência incontornável no nosso mercado em soluções de mobilidade e suporte para as actividades de apoio social e humanitário.

O novo Doblò FP Care é uma viatura de apoio domiciliário que permite a entrega de refeições, mudas de roupa e limpeza de pessoas e habitações por forma a que todo o apoio possa ser prestado pelos técnicos de uma forma eficiente.

Projectado e construído para suportar a realização das principais valências ao nível do apoio aos mais idosos e necessitados, esta viatura apresenta-se como uma referência nesta muito solicitada área de trabalho das misericórdias.



O interior do Doblò FP Care é composto por 3 compartimentos estanques.

O primeiro compartimento, na traseira do veículo, está destinado ao transporte de refeições em recipientes térmicos, incluindo ainda uma unidade frigorífica. O segundo compartimento, ventilado, é composto por um armário para o transporte de roupa limpa, e o terceiro possui uma área para armazenamento de roupa suja e outra para o transporte de materiais diversos para a limpeza e arrumação das habitações.

A qualidade de montagem e dos materiais utilizados é evidente ao olhar menos atento e permitem a fácil limpeza de todos os recantos.

O Fiat Doblò FP Care utiliza o motor 1.3 multijet de noventa cavalos de potência, propulsor que possui baixos consumos, especialmente em utilizações porta a porta, bem como reduzidos custos de manutenção, com intervalos de assistência de trinta mil quilómetros

Saiba mais no seu concessionário Fiat Professional

NOVO!



soft

MoliCare® Soft Air Active

Uma suave revolução nos cuidados de Incontinência



A nova MoliCare Soft Air Active é uma verdadeira suave revolução. Ela mantém o alto nível de segurança que já conhece e, além disso, é mais confortável. Agora disponível em 4 níveis de absorção.

NOVO! Máxima suavidade

Capa em tecido não tecido para maior suavidade e conforto

NOVO! Aplicação mais fácil

Novo fecho em velcro que assegura uma aplicação mais simples



ajuda a curar.

VOZ ATIVA

EDITORIAL



Paulo Moreira
paulo.moreira@ump.pt

TRABALHO EM REDE

Estamos no início de um novo quadro comunitário para os próximos sete anos, visando a concretização da Estratégia Europa 2020, que tem associado um relevante envelope financeiro, cuja prioridade é o crescimento sustentável e inclusivo

O ano que agora começa coloca-nos um conjunto de desafios de capital importância.

Temos pela frente a regulamentação da Lei de Bases para a economia social e a revisão do Decreto-Lei nº 119/83, e estamos a trabalhar na devolução dos hospitais às Misericórdias.

Podemos considerar que nos encontramos num ponto importante de viragem e temos o dever de aproveitar esta oportunidade para tornar mais robustas e capazes as nossas instituições podendo, assim, cumprir a nossa missão de forma mais cabal e abrangente.

Mas os inúmeros desafios e combates que se adivinham, num futuro próximo, exigem que alteremos, de forma significativa, a nossa maneira de trabalhar e de nos relacionarmos.

A revisão da legislação, a devolução dos hospitais, as verbas que no próximo quadro comunitário estão destinadas exclusivamente à economia social, bem como alguns projetos que a UMP tem em marcha para fortalecer e capacitar as Santas Casas, são factos de relevante importância mas, por si só, não resolvem os problemas com que as Misericórdias e os outros atores da economia social se debatem.

Temos urgentemente que modificar hábitos e métodos de trabalho. Só trabalhando em rede, com verdadeira partilha dos saberes e experiências adquiridos, e dos recursos humanos e materiais disponíveis, poderemos vencer com sucesso os desafios elencados.

Sei bem que isto é mais fácil de dizer do que de por em prática, dada a pesada tradição de individualismo e de não colaboração da nossa realidade sociocultural. Mas acredito que ou somos capazes de alterar este ancestral modo de funcionamento ou não ganharemos os desafios que temos pela frente.

VM

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Órgão noticioso das Misericórdias em Portugal e no mundo

Propriedade:
União das Misericórdias Portuguesas

Contribuinte:
501 295 097

Redação e Administração:
Rua de Entrecampos, 9,
1000-151 Lisboa

Tels:
218 110 540
218 103 016

Fax:
218 110 545

e-mail:
jornal@ump.pt

Tiragem do n.º anterior:
13.550 ex.

Registo:
110636

Depósito legal n.º:
55200/92

Assinatura Anual: Misericórdias
Normal - €20
Benemérita - €30

Outros:
Normal - €10
Benemérita - €20

Fundador:
Dr. Manuel Ferreira da Silva

Diretor:
Paulo Moreira

Editor:
Bethania Pagin

Design e Composição:
Mário Henriques

Publicidade:
Paulo Lemos

Colaboradores:
Adriana Mello
Alexandre Rocha
Patrícia Posse
Susana Ramos Martins
Vera Campos

Assinantes:
jornal@ump.pt

Impressão:
Diário do Minho
- Rua de Santa Margarida, 4 A
4710-306 Braga
Tel.: 253 609 460



UNIÃO DAS MISERICÓRDIAS PORTUGUESAS

OPINIÃO



Arlindo Maia
Provedor da Mis. de Vila do Conde

INTEGRAR A COMUNIDADE NOS PROJETOS

As respostas sociais de ajuda às pessoas da comunidade para terem êxito têm de, antes de tudo, integrar nesse projeto toda a população que se propõe servir, dando-lhe conhecimento e solicitando colaboração na definição de objetivos e nos procedimentos a desenvolver.

Acresce saber quais os meios humanos e financeiros necessários para o fim em vista, se os mesmos estão garantidos e, se não estão, como obtê-los.

Permitam-me dizer-vos como procedeu a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde partindo do ponto zero em recursos humanos e financeiros. Começámos por selecionar quatro jovens estudantes para fazerem um inquérito à população vila-condense a fim de definir o grau de necessidade de obras sociais que dessem resposta a diversos grupos.

Pessoas idosas, com mais de 65 anos e que, devido à sua situação de isolamento, ausência de habitação digna, falta de família que as pudesse ajudar e doentes com necessidade de terceiros para satisfazerem as suas necessidades básicas. Crianças cujos pais não tinham a quem recorrer para cuidar dos seus filhos na sua ausência. E também crianças e jovens deficientes que precisassem de uma instituição que colaborasse com eles ajudando-os a viverem com o mínimo de dignidade e libertando os pais para a sua atividade profissional.

A comunidade colaborou e dois meses depois tínhamos dados que permitiam saber que 68% preferiam que a primeira obra se destinasse a apoiar pessoas com mais de 65 anos; 26% preferiam que se criasse uma estrutura para dar assistência a crianças em creche, jardim-de-infância e ATL; e 6% entendiam que o mais importante e mais urgente era criar uma estrutura social que desse apoio a pessoas com deficiência quer em lar quer em atividades ocupacionais

Divulgado publicamente o resultado deste inquérito, era necessário localizar os empreendimentos e adquirir os terrenos para a sua implantação. Pouco tempo depois estava localizado o empreendimento, adquirida a primeira área de terreno e adjudicado o projeto para construção do lar de terceira idade.

Houve colaboração total por parte dos proprietários dos terrenos e a Câmara Municipal de Vila do Conde aceitou a proposta de localização que a Mesa Administrativa apresentou.

Enquanto o arquiteto fez o projeto, a Misericórdia, em 1985, apresentou uma candidatura para formação profissional nas áreas de artesanato (Rendas de Bilros, mantas tradicionais, malhas e carpintaria naval). A candidatura foi aprovada e a formação teve início em abril de 1986, ano em que também foi aprovado o

projeto do lar e iniciada a obra a 1 de junho.

Entretanto a Misericórdia já tinha sido convidada para ser sócia fundadora do BCP o que aceitou. As ações do BCP valorizaram rapidamente e a formação profissional, além da divulgação a nível nacional da Misericórdia de Vila do Conde e do seu extraordinário artesanato, também foi muito benéfica porque criou uma dinâmica crescente de esperança e expectativa muito positiva para os jovens, os formandos e a população vila-condense.

Neste mesmo ano de 1986, apresentámos nova candidatura ao Fundo Social Europeu para 504 jovens em artes de artesanato, construção civil, desenho de construção civil e informática.

A Misericórdia requereu alvará de construção civil, admitiu pessoal, comprou equipamentos e passou, a partir daquela altura, a executar as suas obras por administração direta porque o departamento de apoio ao Fundo Social Europeu autorizou que a Misericórdia fizesse a prática das artes de construção civil em contexto de trabalho. O resultado foi muito positivo.

No ano de 1987 foi doado à Misericórdia um terreno próprio para construção com um projeto aprovado sendo a sua construção executada pelo pessoal da Misericórdia e, de seguida, vendido. Começou assim toda a obra social que hoje existe na Misericórdia de Vila do Conde. Depois foi fácil criar todo o restante porque a gestão rigorosa dos recursos criados deu origem a uma dinâmica de sucesso contagiante e surgiram muitos e muitos beneméritos a colaborarem nas estruturas e no funcionamento das várias atividades sociais.

Só assim pudemos inaugurar, em 1989, o lar de terceira idade, em 1993, o centro de apoio e reabilitação para pessoas com deficiência, em 1997, o centro social em Macieira da Maia, em 2001, a Casa da Criança e, em 2004, o Centro Rainha Dona Leonor. Ao longo deste trajeto, foi criado um serviço de refeições gratuitas, em 1995, para pessoas sem recursos económicos - hoje servimos mais de 300 refeições diárias. Em Janeiro de 2014, foi aberto o Centro para Pessoas com Deficiência Prof. Dr. Jorge Azevedo Maia, na freguesia de Fajozes. Todas estas obras situam-se no concelho de Vila do Conde.

Lembramos que tudo isto aconteceu dentro do contexto de apoio do Estado às obras sociais.





bmac
ANÁLISES CLÍNICAS

ANÁLISES CLÍNICAS



www.bmac.pt

808 100 022

- > Rapidez na entrega de resultados
- > Envio de resultados por e-mail quando solicitado
- > Acordos e Convenções

SNS (Serviço Nacional de Saúde)	PORTUGAL TELECOM
ADSE	CRUZ VERMELHA
MÉDIS	PORTUGUESA
MULTICARE	PSP
ADVANCECARE	ADMG (GNR)
CGD	IASFA (ADM, ADME, ADMFA)
SAMS	APDL
SAM SIBS	ALLIANZ
SAMS QUADROS	SAÚDE PRIME
MONTEPIO GERAL	OUTROS SUBSISTEMAS

Bragança 273 323 848
Estarreja 234 843 502
Faro 289 888 172
Guimarães 253 483 520
Lisboa 213 573 056
Moncorvo 279 254 264
Porto 226 057 870
Santo Tirso 252 830 440
Viseu 232 432 883

geral@bmac.pt

Líderes na Saúde.



Qualidade Misericórdias preparam acreditação

Panorama → Pág. 3

Coro Afinar a voz e alegrar o espírito em Pavia

Em Foco → Pág. 15



Sabores Sopa de couve de Amieira do Tejo

Receita → Pág. 10

1/14

www.ump.pt

Entrevista → José Manuel Fernandes Deputado europeu

Portugal deve ter postura mais ousada na captação de fundos

Em que medida os próximos fundos comunitários vão poder ser aproveitados pelas entidades de economia social?

Os fundos e programas comunitários para os próximos sete anos – presentes no Quadro Financeiro Plurianual 2014-2020 – visam assegurar a concretização da Estratégia Europa 2020, que tem como prioridades o crescimento inteligente, sustentável e inclusivo. É evidente que as entidades da economia social são parceiros fundamentais. O maior envelope financeiro que temos garantido resulta da Política de Coesão (que integra o FC-Fundo de Coesão, o FEDER-Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional e o FSE-Fundo Social Europeu) com um montante de 19,6 mil milhões de euros a preços de 2011. As entidades da economia social poderão usufruir do FEDER e do FSE que representam 16,6 mil milhões de euros. Mas o Fundo Europeu Agrícola e de Desenvolvimento Rural (FEADER) com um envelope financeiro de 3600 milhões de euros também pode ser utilizado. Além disso, é importante que Portugal assuma uma postura mais ambiciosa e ousada na captação de fundos geridos centralmente pela Comissão Europeia. Nesse âmbito, realço o Programa para o Emprego e Inovação Social, com um montante de 919 milhões de euros e que pretende ajudar a resolver os problemas de índole socioeconómica. Espero ainda que os atores da economia social tenham uma palavra relativamente ao programa europeu de ajuda às pessoas carenciadas, que tem o montante de 2500 milhões de euros e que pode ser aumentado numa base voluntária dos Estados-Membros para 3500 milhões de euros.



José Manuel Fernandes

Considera que Comissão Europeia e o Parlamento Europeu estão em sintonia no que respeita ao setor da economia social?

A Comissão e o Parlamento Europeu têm trabalhado nos últimos anos de forma cooperante e positiva, contribuindo mutuamente e de forma ativa para o reforço do quadro legal e de mecanismos que assegurem melhores condições de vida aos cidadãos e de crescimento mais sustentável e equilibrado no espaço europeu. Em contrapartida, tenho criticado o Conselho e os Estados-Membros, por se comprometerem com metas para as quais não disponibilizam os montantes suficientes.

Como é possível enquadrar o conceito de empresa social na realidade do setor social português?

Sem pôr em causa o seu caráter assistencialista, as instituições sociais

portuguesas assumem, cada vez com maior relevo, a importância da sua sustentabilidade, dotando-se de mecanismos capazes de reforçar a melhor gestão da sua atividade e de todas as suas valências. No atual quadro de dificuldades por que atravessa a sociedade portuguesa, a racionalização e a eficiência dos recursos ganharam importância e atenções redobradas, reforçando a adaptação do setor social à dimensão de uma economia social sustentável, salvaguardando a sua natureza e identidade como garante da integração dos mais desfavorecidos e do reforço da equidade social. Aliás, devo reconhecer e valorizar que as instituições sociais – com particular destaque para as Misericórdias portuguesas – têm demonstrado uma capacidade de inovação e desenvolvimento extremamente importante para garantir um crescimento, não só mais inclusivo, mas simultaneamente mais inteligente e sustentável do país e da sociedade, gerando riqueza e estimu-

lando a economia, assim como novos projetos de vida mais sustentáveis.

Enquanto deputado europeu, como avalia o mandato que agora se aproxima do fim?

Considero que cumpro a minha missão nas comissões onde participo. Na Comissão dos Orçamentos, onde sou membro efetivo e acompanho todos os fundos e programas de que Portugal pode beneficiar, assumi um trabalho ativo na proposta e na aprovação do Quadro Financeiro Plurianual para 2014/2020, para além de ter participado em todas as negociações para os orçamentos anuais da UE. Tive ainda a oportunidade de estar na génese, aprovação e financiamento para um novo programa: “O Teu primeiro Emprego Eures. Redigi o livro “Fundos Europeus 2014-2020” e a publicação ‘Sem Fronteiras’ – editada pelo Instituto Português do desporto e da Juventude – que integra todos os programas para a juventude no âmbito do QFP 2007-2013. Num período de dificuldades acrescidas para a União Europeia e Portugal por força dos efeitos da crise económica e social, procurei trabalhar o máximo e o melhor para que os recursos disponíveis fossem utilizados da forma mais eficiente para ajudar à recuperação do crescimento e responder às necessidades e expectativas das pessoas.

Promoveu a criação de uma agenda com contactos de todas as instituições da zona geográfica através da qual foi eleito para o parlamento europeu. Qual era o objetivo principal desta ação?

A minha eleição resulta da presença numa lista nacional e, por isso, assumi a defesa dos interesses de Portugal. No entanto, assumi um compromisso de proximidade especial com os distritos de Braga e Viana do Castelo. Houve quem considerasse que era uma loucura a minha promessa de estar disponível todos os fins-de-semana e realizar atividades nos 24

concelhos do Minho. O certo é que esse compromisso foi cumprido. Tal como no campo da intervenção social, considero que também na política é fundamental a proximidade e o contacto com as pessoas e as instituições no terreno.

Em que medida o Parlamento Europeu pode contribuir para o reforço da coesão social na Europa?

O Parlamento Europeu, como única instituição europeia eleita diretamente pelos cidadãos dos estados-membros, tem vindo a ganhar poder nos processos de decisão da União Europeia, assumindo papel decisivo na elaboração da legislação, no controlo das instituições e na aprovação dos seus orçamentos. No seio da sua diversidade política e territorial com 766 eurodeputados – que a partir das eleições de maio se fixarão num total máximo de 751 – dos seus 28 Estados-Membros, o PE tem chegado a consensos importantes para a determinação da condução das políticas e das prioridades de ação no espaço europeu, sobretudo no que toca às garantias para um crescimento mais assente na coesão social e territorial. Temos de ter uma Europa inclusiva, onde ninguém fique para trás.

Para terminar, como avalia o trabalho das Misericórdias e da sua União?

Por força da sua proximidade, aliada à capacidade de empreendedorismo e inovação, as Misericórdias – necessariamente com uma intervenção determinante de coordenação e liderança por parte da UMP e sob a visão estratégica do seu líder, Dr. Manuel de Lemos – cumprem hoje um papel decisivo e insubstituível a favor dos estratos sociais mais desfavorecidos, assim como de redução e até eliminação de fatores de riscos sociais e de exclusão. Com a confiança e sustentabilidade de uma base estrutural com cinco séculos de vida, as Misericórdias são um parceiro estratégico fundamental para a coesão social e territorial de Portugal.